

“A SAÚDE DA APRENDIZAGEM E OS CONTEXTOS ESCOLAR E COMUNITÁRIO”

Palestrante: Maria Luiza Oliveira Castro de Leão

Mesa Redonda: Desafios atuais da prática psicopedagógica

Outros participantes: Maria Aparecida Mamede Neves, Aglael Luz Borges

I Simpósio de Psicopedagogia da Região Sudeste – 14 de setembro de 2007
- A Psicopedagogia em busca da saúde. Escola. Família. Clínica. Empresa -

É com enorme prazer que integro essa mesa por vários motivos: primeiramente por poder estar junto com minhas colegas, amigas de longa data nesse percurso de amadurecimento da psicopedagogia no Rio de Janeiro e no Brasil. Especialmente por ter Aparecida reaparecido entre nós ... Isso não tem preço para as colegas e para a própria psicopedagogia. Bom poder também estar novamente com Aglael, sempre guerreira, firme e forte. Aqui vamos nós, de mangas arregaçadas, continuando nosso trabalho.

Outro motivo de alegria e prazer é poder estar participando de um evento da nossa Associação que possibilita trocas em nossa comunidade regional. Assim, podemos refletir sobre questões específicas de nossa região, como também observar as particularidades de cada estado, facilitando desse modo avanços da Associação e da Psicopedagogia que viemos amadurecer com muita satisfação.

Outro aspecto que me acalenta o coração é o fato de podermos estar falando de SAÚDE. Isso também não tem preço, já que uma das funções intrínsecas da psicopedagogia é investigar as referências de saúde relativas à aprendizagem em geral e propor intervenções na qualidade dos processos de aprendizagem.

Quando falamos em saúde, nos vem ao pensamento primeiramente a idéia de sobrevivência (porque sem saúde podemos morrer e às vezes matar, se a doença for contagiosa), de harmonia, de equilíbrio, de paz, de alegria. Consultando o dicionário, o que gostei mais foi: saúde é o estado de equilíbrio geral do organismo. Estado de bem-estar social ou particular. Estado de graça espiritual. Também vi Saúde! (com interjeição) que é para se saudar e se desejar um bem.

Saúde a todos nós aqui presentes, longa vida bem vivida a todos nós e a psicopedagogia.

Falando na vida da psicopedagogia, a mesa aponta para suas perspectivas e seus desafios atuais. O Simpósio aborda de modo geral a relação da psicopedagogia com a saúde em diversos contextos e o meu tema em particular será "A saúde da aprendizagem e os contextos escolar e comunitário".

Lembramos que historicamente na França e em outros países europeus, como também na Argentina e no Brasil e em outros países sul-americanos, a psicopedagogia se fundou com uma visão clínico-médica para dar conta de problemas de aprendizagem escolar, distúrbios de aprendizagem em geral, desde o final do século XIX. Em sua evolução e investigações teórico-práticas, o âmbito da psicopedagogia foi se ampliando em direção à prevenção e a uma visão mais social e sistêmica, enriquecendo assim seu olhar intra e inter-psíquico.

A psicopedagogia ocupa-se do fenômeno da aprendizagem humana tomando como objeto de estudo o sujeito que aprende (nos sentidos intra e inter-psíquicos), os processos de aprendizagem, aí se localizando os contextos de interação e construção das aprendizagens e conhecimentos e os produtos desses processos que são os próprios conhecimentos e a cultura.

Falando em psiquismo vale ressaltar, no âmbito clínico, um contraponto que fazemos entre a psiquiatria e a psicopedagogia. O psiquiatra é o médico que se ocupa "da dor psíquica", procurando entender os aspectos e detalhes das ditas doenças psíquicas, isto é, da causalidade, das evoluções e da medicação ... No que se refere às questões cognitivas dos quadros das doenças psíquicas, vemos uma abordagem médica mais geral e superficial. A psicopedagogia em contraponto deve observar as características da doença sim, mas de um modo mais geral, menos detalhado e deve refinar seu olhar e intervenção na saúde, nas possibilidades do sujeito em aprender independentemente da sua condição orgânica e psíquica, que obviamente deve ser levada em consideração. Somos basicamente então, mesmo quando se trata da clínica dos problemas de aprendizagem, "um profissional da saúde".

Agora mudando o foco para os contextos, porque os sintomas se constroem e ganham significados e estatutos de sintoma nos contextos ... gostaria, então, de abordar a instituição escolar como o local oficial da transmissão da cultura, da aprendizagem, da apropriação dos conhecimentos e da possibilidade de inserção social para a sobrevivência dos indivíduos em nossa civilização.

A escola, a meu ver, deve-se preocupar com a educação saudável que propicie o máximo possível de aprendizagem saudável.

Lembrando-se que a função da aprendizagem humana é a sobrevivência de indivíduos e de grupos de indivíduos numa sociedade com sua cultura própria.

Quando falamos em saúde da instituição escolar, devemos abordar primeiramente o seu projeto político-pedagógico (de caráter sempre utópico), sua ideologia e fundamentos de modo o mais claro possível já que devem constituir o norte do empreendimento daquela instituição. Não devemos esquecer que toda escola, pública ou privada, é uma empresa cujo produto é a aprendizagem do aluno. Deve-se ter claro então na escola qual a qualidade de aprendizagem que se deseja produzir e qual a razão do seu empreendimento. Paradoxalmente o que vemos cotidianamente, é que se fala muito pouco, na instituição escolar, de aprendizagem e suas questões tais como, sua função, seus processos, suas características ...

Quando falo de utopia, falo de uma referência geral que propicia na prática um processo perpétuo e orgânico de busca dos ideais daquela instituição. Um aspecto de saúde é então, poder se falar de aprendizagem e dos fundamentos daquele empreendimento escolar.

Outro aspecto relativo à saúde é lembrar que as relações se reproduzem numa instituição. Assim, em havendo um projeto político-pedagógico com pressupostos, metodologia e planejamento definidos, aquilo que desejo para a relação fundamental do empreendimento escolar que é a relação professor-aluno, tem que acontecer em todas as relações da escola. Isto é, a atitude de aprendizagem deve ser a mesma em todos os níveis hierárquicos da instituição. A qualidade de relação de aprendizagem se reproduz especialmente de cima para baixo e é muito saudável deixar-se contaminar por uma escuta e leitura vindas das questões vindas de baixo para cima hierarquicamente (da relação professor-aluno).

Com relação à escola, gostaria ainda de mencionar que vemos atualmente um "refinamento", uma sofisticação em relação aos ditos "alunos portadores de necessidades especiais". Fala-se muito de inclusão e vemos o sistema público de ensino relativamente bem aparelhado nesse sentido, o que achamos muito louvável. Porém não devemos esquecer do dito "aluno normal". Quem é esse aluno normal? Na maioria das vezes um neurótico como todos nós ... E eles são incluídos?

A verdade é que quando falamos de pessoas cujos problemas são mais radicalmente visíveis, notamos uma tendência das políticas escolares a se ocuparem delas, principalmente, nos dias de hoje, com mais energia e recursos. O problema fica então localizado e depositado no outro. Quando há resultados, o mérito é creditado aos métodos e recursos empregados. Quando não há resultados, fala-se da limitação desses alunos "problemáticos". No meu entender, a escola saudável deve ter uma atitude única com relação ao aluno. Deve tentar abordar suas dificuldades e apontar para suas possibilidades de desenvolvimento apoiada numa única e mesma postura diante da aprendizagem humana. O que em princípio deveria ser óbvio já que o ensino é para todos. Quando vemos sempre o problema nos outros, corremos o risco de não olharmos os nossos próprios problemas. No caso da escola, evita-se abordar seus conflitos, problemas e contradições. Pergunta-se, então, será que o fato de sublinharmos com tanta veemência a inclusão e as questões dos alunos com problemas, os tais portadores de necessidades especiais, o sistema escolar não estaria numa conduta evitativa de mirar-se? De enfrentar suas próprias dificuldades, suas contradições, seus conflitos?

Entre um aluno com problemas visuais severos (cego) e um com problemas auditivos mais radicais (surdo) e todos os outros casos mais radicais, há uma matiz enorme de questões a serem observadas. E aí perguntamos: quem não tem necessidades especiais em pelo menos algum aspecto ou em algum momento? Como dizia Caetano Veloso, "de perto ninguém é normal". O aluno normal idealizado seria então uma grande minoria ...

Quanto à psicopedagogia comunitária, gostaria de ressaltar que também considero saudável, numa época de tanto individualismo, caminharmos mais em direção ao "coletivo". Aliás no Brasil, vemos uma comunidade pouco educada coletivamente para a coletividade. Aprendizagem, como diz Visca, é aparição e estabilização de condutas. Como está a aprendizagem de nossas condutas coletivas? Será que sabemos agir coletivamente pelo interesse de nossas comunidades? Notamos que temos dificuldades de fazer circular conhecimentos, informações, atitudes e propor soluções coletivas.

Nesse sentido, vou apresentar três aspectos da denominada psicopedagogia comunitária desenvolvidos pela equipe do Tekoa.

Lembramos que a psicopedagogia comunitária faz parte da psicopedagogia social e grupal, porém, quando se fala em comunidade apontamos basicamente para um grupo sobrevivendo a partir do compartilhamento comum de estruturas básicas de sobrevivência, e vivendo sob um funcionamento constituído a partir de uma cultura comum, de uma sociedade comum.

Penso que vivemos em um momento em que resgatar e aprofundar a consciência e a necessidade de compartilhar atitudes para o bem de todos é extremamente pertinente e saudável.

Recordando que saúde significa bem-estar, nesse sentido temos desenvolvido no Tekoa alguns projetos: o "Pense Nisso", projeto de nossa equipe, que se constitui de um lembrete de circulação periódica sob questões comunitárias urbanas, que se fazem presentes no nosso cotidiano. Eis o exemplo do nosso primeiro Pense Nisso (em anexo).

O Projeto Circulando Memória, incluído no Núcleo de Pesquisa do Tekoa, que é focado em uma comunidade rural no município de Valença. A idéia é poder reconhecer as gerações mais antigas como portadoras de conhecimentos tradicionais, exemplo o plantio e o manuseio das ervas medicinais, e fazer circular na comunidade, através das gerações mais novas, cujos membros podem fazer parte do projeto de pesquisa, sendo denominados "agentes polinizadores" desses conhecimentos. O projeto pretende mobilizar a comunidade institucional (EMBRAPA, faculdades, postos de saúde ...). E estando em fase experimental,

visa desenvolver um instrumento psicopedagógico, baseado na técnica de grupos operativos desenvolvida por Pichon Rivière, para ser utilizado com equipes multidisciplinares (sociólogos, biólogos, antropólogos, médicos ...). Também pretendemos que se registre esses conhecimentos tradicionais cujas fontes estão em vias de extinção. O projeto inspira-se no conceito de "sustentabilidade biológica, ecológica e social" e visa reativar economicamente uma área rural rica em conhecimentos populares e rica em seu ecossistema biológico. Percebemos que os conhecimentos comunitários dessa região encontram-se "fragmentados", sem diálogo entre as diferentes instâncias de conhecimento. Esse empreendimento soma-se a diversos outros do mesmo gênero que tem surgido pelo país afora e em outros países. Parece que em épocas de crise, para avançarmos precisamos retornar às origens, às bases de nossa tradição comunitária, isto é, a saúde. Depois do auge da globalização, notamos uma preocupação mundial com a retomada de valores tradicionais com possibilidades de inspiração para criação de novos paradigmas para que continuemos ...

Num sentido mais urbano, vivemos em uma comunidade que se encontra numa situação pra lá de dramática. Vivemos na cidade "partida", numa comunidade partida. Ouvi dizer que na ditadura desapareceram em torno de 400 a 500 pessoas. Atualmente já temos contabilizado mais de 10.000 desaparecidos (sem contar as mortes por balas perdidas e as contabilizadas em assaltos, etc). Temos muito mais baixas na nossa guerra particular que a guerra do Vietnã, da Bósnia e do Iraque. A princípio, a "civilização" que é direito de todos, chega em nossa comunidade apenas em alguns "guetos de civilização". Isto não é saudável. O trabalho de psicopedagogia comunitária desenvolvido por Anne Marie Bouyer, membro de nossa equipe, em parceria com o Estado, aponta na direção da ampliação dos espaços saudáveis dentro da nossa comunidade partida. O projeto chama-se "Ensinação Comunitária", e se utiliza da técnica de grupo operativo, para se trabalhar com instrutores, que por sua vez, trabalham com um grupo de monitores encarregados de diversas oficinas de aprendizagem instaladas em várias favelas do Rio de Janeiro.

(Artigo publicado em outubro de 2007, no site do Tekoa – Centro de Estudos da Aprendizagem RJ – www.tekoa-aprendizagem.com.br)

PENSE NI SSO

Serviço Psicopedagógico Comunitário

Embuídos de um espírito do Greenpeace e frustrados por não podermos salvar nenhuma baleia tomando de assalto um navio pesqueiro japonês, pensamos ...

Por que não tomar de assalto um porteiro varrendo a calçada com o jato d'água de uma mangueira, com grande possibilidade de entupir um bueiro?

VOCÊ SABIA QUE:

"Em 2050, duas em cada três pessoas eventualmente não terão água para consumir".

"Se os 17 milhões de pessoas da Grande São Paulo fecharem a torneira na hora de escovar os dentes, vamos economizar, todos os dias, o equivalente à água que cai pelas Cataratas do Iguaçu por nove minutos".

(Fonte: "Mundo sustentável" – André Trigueiro – Ed. Globo

"O Comitê da ONU admitiu que medidas individuais colaboram para diminuir os impactos do fenômeno (mudanças climáticas / efeito estufa)".

"Não podemos ignorar que o mundo está entendendo as implicações da inação, sugeriu Rajendra Pachauri, presidente do IPCC".

Trechos do Relatório para Mudança Climática – IPCC – 04/05/2007

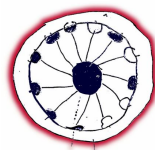
(Fonte: Jornal do Brasil – 05/05/2007)

Pelo menos, em relação à economia da água e a "saúde dos bueiros", sugerimos que os síndicos conversem com seus faxineiros e troquem as mangueiras por vassouras e pás de lixo, e, quando muito, um paninho úmido.

Consideramos essa uma pequena grande ação.

Pense nisso

Colabore e envie sua sugestão



TEKOA
Centro de Estudos
da Aprendizagem

A serviço da circulação do conhecimento e da aprendizagem

Tel: 2286-2572 / tekoa@gbl.com.br

www.tekoa-aprendizagem.com.br